
O Objeto Cubista: Caixas-Pretas, Überrealismo e a Metafísica das Perspectivas¹

Hilan Bensusan²

Tradução e Notas: Otávio S.R.D. Maciel³

A proposta deste artigo de Hilan Bensusan é apresentar o que o autor chama de Überrealismo em associação com a metafísica das perspectivas. Em geral, perspectivas na metafísica são forçosamente afastadas em nome de uma neutralidade supostamente máxima. Disso decorrem duas posturas básicas. A primeira monta um “ponto de vista de lugar nenhum”, defendido por quem vê as perspectivas como maculando esta perspectiva absolutamente neutra – ou, também, atacando tal possibilidade e recaindo em correntes do antirrealismo. A segunda abdica de qualquer possibilidade de ponto de vista geral, pensando o que há como um mero mosaico de perspectivas distintas e desconexas – o que também pode recair em correntes do antirrealismo. Elaborando argumentos acerca de uma realidade tensionada em Kit Fine, das análises das perspectivas em Gilles Deleuze e Félix Guattari, bem como de filosofias orientadas ao objeto como as de Bruno Latour e Graham Harman, Bensusan vai propor uma teoria diferente. Sua abordagem aceita tanto a possibilidade de visões generalizadas, mas não abre mão da realidade das perspectivas. Abandonando uma busca pelo ponto de vista de lugar nenhum, o que nos resta é uma realidade rica de perspectivas diferentes, justapostas de forma complexa, sem uma “figura total” do que a realidade é, como se fosse uma mera soma de partes. Essa noção do real, como incompleto e em progresso, se assemelha menos a objetos estáticos, livres de perspectivas, mas sim a um objeto cubista, onde certas perspectivas só podem ser vistas a partir de várias outras reais.

¹ Texto original: BENSUSAN, Hilan. ‘The Cubist Object: Black Boxes, Überrealism and the Metaphysics of Perspectives’ in. AUSTIN, Michael et.al. (eds.) **Speculations**. Volume 2, Maio, 2011. ISBN 978-1-257-65407-9, pp. 169-186. Tradução para fins exclusivamente acadêmicos. (*) – Uma vez que foi publicado em formato de capítulo de livro, o texto não contava com resumo e palavras-chaves – adições do tradutor.

² Em decorrência de novas escolhas pessoais após a publicação original deste artigo, o autor agora se identifica como **Shajara Néehilan Bensusan**.

³ Doutor em Filosofia (UnB) e Mestre em Teoria do Direito (Frankfurt/Bruxelas). Atua como Professor de Filosofia na Universidade do Distrito Federal (UnDF) e Pesquisador-Colaborador Pleno no PPGFIL/UnB. Contato: oe.maciел@gmail.com

1 – A Metafísica das Perspectivas

A metafísica tradicionalmente imaginou a realidade como sendo indiferente às perspectivas. A ideia era que o que quer que as perspectivas sejam, elas não são, em sentido algum, partes da realidade, sendo, na melhor das hipóteses, ferramentas para atingir o que está por detrás das coisas. O exorcismo de perspectivas sobre a realidade é, de fato, frequentemente compartilhado por ambos realistas e antirrealistas. Aqueles acreditam que há uma realidade atrás (ou abaixo) de qualquer perspectiva, e que ela pode (ou deveria poder) ser alcançada por nós. Já estes consideram que não podemos ir além das perspectivas, e, portanto, qualquer conversa sobre realidade deve ser abandonada. Compartilhando a premissa que perspectivas e realidade apenas mancham uma à outra, o *exorcista realista* quer limpar a realidade de todas as perspectivas, enquanto o *exorcista antirrealista* busca limpar todas as perspectivas de realidade.

Um dos motivos pelos quais perspectivas, ou pontos de vista, podem parecer não-reais é que elas parecem ser demasiado multifacetadas e desgovernadas. Elas trazem vícios, relatividade e incoerência. Adicionalmente, elas brotam de todos os cantos. Podemos falar sobre a perspectiva humana, mas também sobre a perspectiva

da mulher, sobre a perspectiva africana, sobre a perspectiva *queer*. Podemos falar sobre minha perspectiva, mas também sobre minha perspectiva hoje, minha perspectiva de onde eu estou, ou minha perspectiva como um biólogo (ou como um artista etc.). Podemos considerar a perspectiva de um sapo, mas então podemos ser tentados a também levar em conta a perspectiva da conexão nervosa dentro do sapo (reagindo a alguns estímulos, mas não a outros). Todas essas perspectivas parecem ao exorcista nada mais do que epifenômenos colocados acima de alguma realidade subsistente que é, ela mesma, esvaziada de qualquer perspectiva. Esta realidade postulada, situada embaixo de todas as perspectivas, nomearei de *unterrealidade*, seguindo uma expressão análoga introduzida por Kit Fine⁴. Os exorcistas realistas seriam, assim, *unterrealistas*.

Realidade, então, é frequentemente associada com esta *unterrealidade* subsistente que está sob todas as perspectivas. A metafísica exorcista afirma que perspectivas estão, então, de alguma forma flutuando sobre a realidade: elas podem enfeitar a realidade e talvez elas até podem torná-la acessível, mas não são parte dela. No entanto, perspectivas são também comumente associadas com ter um mundo, o que se segue da leitura de von Uexküll. Ele famosamente considera a

⁴ Cf. Fine, 2005

perspectiva de um carrapato que reage a não mais do que poucas coisas ao seu redor: a direção de onde a luz está vindo; um mamífero passante perto dos ramos de uma árvore; e as partes sem pelos na pele do mamífero que é sua presa⁵. O horário no dia, a espécie do mamífero ou as partes diferentes sem pelos no corpo da presa são completamente irrelevantes: eles apenas não são presentes na perspectiva do carrapato. Ele distingue entre diferenças relevantes e o que é irrelevante. Sua perspectiva é uma que age em uma *ontologia doméstica* [*home ontology*], composta de luz, mamíferos em geral e partes sem pelo da pele. Não é obviamente uma ontologia (doméstica) nominalista, já que a vida do carrapato depende em sua capacidade de alcançar o universal “mamífero”, por exemplo, no sentido de que ele poderia predar quaisquer de suas instâncias e em nada que falhasse em ser um mamífero⁶. Certamente, podemos alcançar o mundo do carrapato porque também somos capazes de discriminar facilmente as diferentes instâncias de “mamífero”.

Uma perspectiva pode englobar outra – e isso sugere que algumas perspectivas podem estar dentro de outras. A pressuposição compartilhada tanto pelo exorcista realista e pelo antirrealista é que

há uma *unterrealidade* que, ao mesmo tempo, engloba todas as perspectivas e é esvaziada de qualquer perspectiva – uma visão de lugar nenhum, na apropriada frase corrente de Thomas Nagel⁷. A noção de uma *unterrealidade* à qual todas as perspectivas podem ser reduzidas – uma noção à qual elas apelam ou para exorcizar argumentos a favor de uma (*unter*-)realidade, ou exorcizar a realidade ao argumentar que não pode haver algo como uma *unterrealidade* – nos leva à ideia que a metafísica deve ter como objetivo a descrição desta paisagem neutra de perspectivas. O resultado é algo semelhante ao que acontece nos debates entre os exorcistas realistas e antirrealistas: a metafísica é tomada como apenas possível se tal paisagem for atingível. Pode, no entanto, haver mais do que as duas alternativas aparentes, tal como pode haver mais para a metafísica do que a busca por uma paisagem livre de perspectivas. Perspectivas, elas mesmas, podem ser parte da imagem.

Considere um argumento exemplar para a inextricabilidade entre perspectivas e realidade: o argumento de McTaggart de que não há passagem (real) do tempo sem uma ideia de agora – e, portanto, de uma

⁵ Cf. von Uexküll (1957). Heidegger e Deleuze (e Guattari) se inspiram no trabalho de Uexküll. Deleuze fala sobre animais tendo um mundo, enquanto muitos humanos não têm um mundo: eles vivem no mundo de “todo mundo”. Cf. Deleuze (1996).

⁶ É interessante comparar isso com o estudo das capacidades do sapo de identificar moscas, tal como em Lettvin, Maturana e outros (1959). Eles descrevem os olhos do sapo e o cérebro como dispositivos dirigidos em direção a identificação de moscas.

⁷ Cf. Nagel (1989).

perspectiva⁸. O que está em jogo é se o tempo pode ser real se assumimos que a realidade não pode tensionada⁹. A Série B, de datas em um calendário ou horas em um relógio, não é o suficiente para a passagem do tempo – nem mesmo pode fazer sentido de eventos que acontecem no presente enquanto estão enraizados no passado. A Série B apresenta momentos no tempo tais como pinturas em uma exibição que podem ser vistas em quaisquer ordens e em quaisquer ritmos – é o tempo visto de lugar nenhum. Para pensarmos o tempo e a mudança que ele promove, precisamos adicionar à Série B uma Série A que indica o que é passado, presente e futuro, e então faz emergir a ideia de passagem do tempo, ou seja, a produção do tempo que passou. A Série A, como os ponteiros de um relógio, é o que introduz a mudança nos estados B. O argumento de McTaggart é que não há mudança, não há passagem do tempo, não há eventos em mudança sem a Série A, ou seja, sem a introdução do tensionamento. Um evento é localizado no tempo apenas em respeito a outros eventos; datas são irrelevantes a não ser que possamos as comparar e, finalmente, as alocar num enquadramento de eventos passados, presentes e futuros. Para entender a passagem do tempo, precisamos conseguir nos localizar num tensionamento presente. Sua conclusão chegou a algo do

⁸ Cf. McTaggart (1909).

⁹ N.T.: A expressão que Bensusan usa é “*tensed*”, na referência ao que a gramática portuguesa se refere como “tempo verbal”. *Tense*, na língua inglesa, é este “tensionar” que indica passado, presente, futuro, se ação

seguinte tipo: se o tempo requer algo como a Série A, ele não pode ser real. Se, no entanto, assumirmos o risco de tomarmos o tempo como sendo tanto real como constituído parcialmente pela Série A, imaginamos uma noção de realidade que não é indiferente às perspectivas.

Se a realidade é tomada como algo do tipo de um quebra-cabeças que não pode ser completado sem recorrer às perspectivas, as estratégias exorcistas têm de serem abandonadas. Aqui é onde emergem alternativas de como avançar uma metafísica das perspectivas que substitui a pulsão (exorcista) de uma visão de lugar nenhum. Kit Fine interessantemente explora algumas destas alternativas para uma metafísica ao considerar o que parece ser perdido quando paramos de ver a realidade como não-tensionada. O realista exorcista afirma que a realidade deve ter três características em relação às perspectivas: não favorece nenhuma perspectiva frente a outra (não é viciada); não é relativa a perspectivas diferentes (é singular, e não múltipla); e é, ela mesma, coerente. Neste sentido, quando nós desafiamos a ideia de que a realidade é independente de perspectivas, nós podemos negar quaisquer umas das três alternativas seguintes:

está em progresso ou terminou, entre outras. No argumento, ele traz o trabalho do idealista britânico John McTaggart, que introduz a diferença entre Série A (antes, agora, depois) e Série B (dias da semana, meses do calendário etc.) para pensar este *tensionamento* do tempo.

- a) A realidade é neutra no que diz respeito às perspectivas – é indiferente a elas;
- b) A realidade não é relativa a diferentes perspectivas – algo não pode ser real no passado, mas não-real no presente;
- c) A realidade é coerente – em particular, estados ou eventos incoerentes (em diferentes perspectivas) não pode acontecer.

A ideia da *unterrealidade* implica que a realidade é neutra, não-relativa e coerente. Se adicionarmos perspectivas em nossa imagem metafísica, podemos decidir quais destas três características da *unterrealidade* estamos dispostos a abrir mão – ou, até mesmo, de todas elas. Rejeitar **a)** e manter **b)** e **c)** tem sido a estratégia padrão na metafísica do tensionamento: eventos presentes, por exemplo, são tomados como reais enquanto eventos passados e futuros são, de alguma forma, construções. Neste caso, a realidade, embora viciada em direção ao presente, é não-relativa e coerente. O próprio Fine favorece a rejeição de **b)** ou de **c)**, mas mantém **a)** – alternativas que ele nomeia de realismos neutros na medida em que eles tomam a realidade como neutra e não-viciada.

Estas duas alternativas neutras na metafísica das perspectivas podem ser nomeadas de perspectivismo e *überrealis-*

mo (Fine chama esta de fragmentalismo, mas ele cunha a expressão *überrealidade* enquanto descreve seus princípios). A primeira mantém **a)** e **c)**; o segundo mantém **a)** e **b)**. O perspectivismo afirma que não há mais realidade do que aquilo que é relativo às perspectivas; não se pode escapar para fora das diferentes perspectivas – assim, a realidade deve ser encontrada nelas. Pode-se até sair de uma perspectiva em direção a outra, mas não há um ponto de vista não-perspectivado, não-situado¹⁰. Desta forma, o sangue é uma componente de um organismo vivo da perspectiva de alguns humanos; um líquido que mata a sede na perspectiva dos jaguares; um solvente na perspectiva de algumas moléculas químicas, e assim sucessivamente. Não obstante, o sangue não é nada acima e além de tudo isso: não há sangue além do que aparece em todas estas perspectivas. A identidade transperspectiva é confinada a movimentos específicos entre as perspectivas: ela acontece apenas quando se tem sucesso ao se mover de uma perspectiva para outra. De acordo com o perspectivismo, não há realidade fora das perspectivas – ao mesmo tempo, nenhuma delas é privilegiada e cada uma é internamente coerente. Não há *unterrealidade* (nem *überrealidade*) além da realidade de diferentes perspectivas. Neste sentido, o perspectivismo pode dar a impressão de

¹⁰ O perspectivismo é interessantemente endossado por antropólogos que têm trabalhado com os povos do Baixo Amazonas (cf. Viveiros de Castro, 2015). Estes

antropólogos não apenas abraçam o perspectivismo, mas atribuem aos Povos Amazônicos os quais eles estudam fortes tendências perspectivistas.

ser próximo do antirrealismo. É importante perceber que, apesar disso, ele não é exorcista, visto que toma a realidade como sendo completamente alojada em diferentes perspectivas.

Em contraste com o perspectivismo, o *überrealismo* sustenta que, embora não exista nada subjazendo diferentes perspectivas, a realidade é composta da justaposição delas. Uma *überrealidade* é independente de qualquer perspectiva – portanto, ela é neutra e não-relativa à perspectiva – mas, ainda assim, não é um domínio coerente intocado por perspectivas. Desta forma, a *überrealidade* pode cumprir alguns papéis que poderíamos esperar da *unterrealidade*, em particular, ela pode prover um ponto de vista que não é refém de uma ou várias perspectivas, mas um tipo de visão de qualquer lugar. *Überrealismo* pode ser comparado com um cubismo metafísico: realidade é uma projeção de todas as diferentes perspectivas em algo. A *überrealidade* é conhecida apenas parcialmente através de uma perspectiva; não porque perspectivas têm de ser dispensadas e um fator maximamente comum deve ser procurado (tal como no *unterrealismo*), mas sim porque as perspectivas provêm elementos insuficientes para atingir a realidade cubista completa. Neste cubismo das perspectivas, cada uma delas tem uma participação no jogo da realidade, mas nenhuma delas tem a totalidade da realidade. É como se perspectivas fossem partes genuínas de

uma realidade completa – e a relação entre realidade e perspectivas pode, portanto, se tornar mereológica, onde as diferentes perspecti-vas-partes são postas em conjunto por alguma (*über-*)relação de co-presença. Isso pode trazer questões sobre a *überrealidade* ontológica: há objetos e relações? Há (*über-*)eventos distintos? De qualquer forma, estas questões ontológicas não mais são postas dentro de um enquadramento exorcista no qual respostas apropriadas precluem quaisquer apelos às perspectivas.

Nós podemos agora olhar novamente para a natureza das perspectivas. Embora o *überrealismo* surja das discussões do tensionamento de Fine, ele pode ser estendido para cobrir perspectivas em geral. Consideremos novamente o carrapato. Ele se relaciona ao que está fora de seu corpo através de sua ontologia doméstica. A perspectiva dele não é uma relação direta com galhos, mamíferos, etc., mas uma relação a estas coisas tais como são vistas através de uma perspectiva. Ontologias domésticas são partes do mundo – e o *überrealismo* sustenta que elas são partes da *überrealidade* que é composta de galhos, mamíferos etc., tal como aparecem discriminados na perspectiva do carrapato. Similarmente, o tempo presente não tem uma relação com século XX ou com o século XXII, mas, sim, com o primeiro como passado, e, com o segundo, como futuro. A perspectiva e a ontologia doméstica associadas com ele (cf. a próxima seção para detalhes desta

associação) não podem ser explicadas exaustivamente a favor de uma relação livre de perspectivas da mesma forma que a Série A não pode ser explicada exaustivamente nos termos da Série B. Não obstante, do ponto de vista da *über*realidade, perspectivas podem ser explicadas em termos de relações a partes da realidade – (*über*-)há¹¹ mamíferos-para-carrapatos e século-XX-como-passado para que carrapatos e o tempo presente possam se relacionar a eles. Similarmente, (*über*-)há carrapatos-para-nós, carrapatos-para-mamíferos, carrapatos-para-galhos, etc. Em geral, *über*realismo tenta fazer justiça à ideia de que a maioria das relações são mediadas por perspectivas.

No restante deste artigo vou explorar algumas consequências do *über*realismo no que concerne a existência, relações, eventos, caixas-pretas e objetos. Claramente, caminhos diferentes podem ser seguidos no que concernir estes assuntos dependendo de quais outras assertivas associarmos com o *über*realismo. Vou meramente propor e encorajar um destes caminhos.

2 - *Über*realismo e a Ontologia do Acarretamento¹²

¹¹ N.T.: Bensusan escreve “there (*über*-)are mammals-for-ticks and 20th century-as-past so that ticks and the present time can relate to them”.

¹² N.T.: A expressão que Bensusan usa é “*Ontology of Bringing About*”. Optamos por “acarretamento”, mas outras alternativas seriam *suscitação*, *promoção*, *fomento*; ou algum neologismo como “ocasionamento”.

De acordo com o *über*realismo, perspectivas são componentes da realidade. Ele se diferencia tanto do exorcista realista quanto do exorcista antirrealista. Em contraste com o primeiro, tomamos perspectivas como sendo partes constitutivas da realidade e algo que, na verdade, faz emergir mais (*über*-)realidade. Em contraste com o segundo, consideramos que não há itens especiais chamados sujeitos que poderiam de alguma maneira constituir perspectivas, mas que cada item na realidade tem uma perspectiva. Neste sentido, o *über*realismo pode ser visto como um antirrealismo generalizado, onde tudo constitui realidade: tudo age como um sujeito. Pode, no entanto, também ser visto como uma forma de realismo sobre perspectivas e o “sobre o que” elas apresentam, a saber, suas respectivas ontologias domésticas. Afirma-se que todas as coisas têm uma perspectiva e que toda perspectiva acarreta algo em sua ontologia doméstica – as ontologias domésticas são, então, postas em conjunto em uma *über*ontologia.

Étienne Souriau propôs uma forma interessante de ler as discussões acerca do realismo¹³. Ao invés de colocar toda a ênfase no tudo ou nada da questão de

Embora “Ontologia da Instauração” também seja uma tradução possível, preferimos escolher outro nome para distinguir a proposta do *über*realismo em relação ao que já existe sob o nome “instauração” na filosofia de Souriau, a quem Bensusan cita, porém vai além.

¹³ Souriau, 2009.

Ockham no que concerne o que existe, ele encontrou em Berkeley, Kant e Hegel elementos que distinguem diferentes modos de existência. Souriau nos convida a focar naqueles modos e em suas interconexões. Há, por exemplo, em Kant, uma relação entrelaçada da existência como fenômeno e a existência como um sujeito (transcendental), uma relação é que similar ao que Souriau entende como a relação do acarretamento ou instauração [*instaurer*]. Acarretar é dar emergência a algo como um item distinguível – um objeto (tal como um mamífero, qualquer mamífero, para o carrapato), um evento (um mamífero passando por uma árvore) ou uma localização (o final de um galho). De acordo com o *überrealismo*, tudo acarreta perspectivas e estas, por sua vez, acarretam os itens de uma ontologia doméstica.

O vigor da ideia do acarretamento de Souriau pode ser iluminado pelo *überrealismo*. É a ideia que o que quer que emerja do processo de acarretamento tem consequências plenas no que quer mais que exista. Considere perspectivas de tensionamento e como podemos entender a existência de eventos em andamento. Certamente existem apenas da perspectiva que traça diferenças entre passado e presente. Estas perspectivas, no entanto, acarretam eventos em andamento. É o que eu chamo de *Efeito Doppler Generalizado*. Assim como o efeito Doppler comum que

requerer alguém parado ou indo mais devagar para se ouvir o som de um carro passando, algo deve ser mantido parado ou se movendo mais vagorosamente para que o passamento dos eventos seja percebido. Na verdade, é apenas para o que está parado ou mais lento que os eventos acontecem – e, portanto, que algo acontece. Um evento pode apenas acontecer em contraste com estados circundantes que permanecem os mesmos (ou mudam em um ritmo diferente). Assim, dizemos que as águas do rio fluem; e dizemos isso porque as margens do rio ficam paradas, o fluxo é apenas relativo às grosseiramente definidas margens fixas do rio. É a diferença na velocidade e, no final das contas, o tensionamento das perspectivas que dão emergência aos eventos passantes – um item central na (*über-*)ontologia. Eventos passantes são como o som de um zumbido associado ao Efeito Doppler: ele pode ser ouvido apenas de certa perspectiva. Ainda assim, eventos passantes, como carros transitando, são tão (*über-*)reais como qualquer coisa. Pode-se tentar separar o som através do qual eu percebi que há um carro passando e o (*unter-*)carro que está passando. Claramente, é isso que o *überrealismo* afirma que não pode ser feito: se nos livrarmos das perspectivas, nos livramos da coisa em si; não há evento sem o tensionamento de perspectivas¹⁴.

¹⁴ O ponto aqui me recorda de alguns argumentos de Hegel no que diz respeito à inseparabilidade do

fenômeno e da coisa-em-si na *Fenomenologia do Espírito*. Não vou explorar muito isso por agora. É importante

Para esclarecermos mais a ideia de que tudo acarreta uma perspectiva; e que é apenas através delas que algo se torna (*über-*)real, é interessante apelar para a noção interessante de intencionalidade física articulada por George Molnar¹⁵. Ele argumenta que as quatro características de Brentano que definem a noção de intencionalidade podem ser generalizadas para que possam ser aplicadas não apenas ao que é mental (como desejos e crenças), mas a qualquer coisa que exiba disposições (ou poderes, ou capacidades, ou *affordances*). E, reconhecidamente, a maioria dos itens concretos no mundo exibe estas características¹⁶. Desta forma, um grão de açúcar:

- 1) É direcionado a algo externo a ele, tal como à água (assim como o desejo por comida é direcionado à comida);
- 2) É direcionado a algo que talvez ele jamais encontre (tal como desejos jamais realizados);
- 3) É direcionado a qualquer água, o protótipo de água, ao invés de uma gota específica de água (assim como o desejo de se comer pão, não um pedaço específico de pão);
- 4) Responde a coisas dependendo do seu modo de apresentação. Por exemplo,

dissolve em água líquida, mas não em água congelada (assim como podemos acreditar que o Super-Homem voa, já Clark Kent, não).

A intencionalidade física nos ajuda a pensar como perspectivas são acarretadas, instauradas. Tudo afeta suas cercanias através de suas perspectivas e, portanto, atua como um dispositivo intencional. As características **3)** e **4)** são particularmente interessantes. A **3)** captura a capacidade do carrapato, por exemplo, de reagir a qualquer mamífero, mas não a outras coisas. Ela nos mostra como o mundo ele mesmo lida com suas partes em termos de universais. Universais são *überreais* porque eles pertencem à ontologia doméstica de dispositivos fisicamente intencionais. Estes dispositivos capturam a sensibilidade ao modo de apresentação: o carrapato relaciona ao cavalo *enquanto* mamífero, e às costas dele *enquanto* uma área com menos pelos. Coisas são *überreais enquanto* alguma coisa.

Duas observações gerais acerca desta emergente (*über-*)ontologia. Primeiro, parece que estamos lidando com uma ontologia de uma floresta tropical densamente populada, onde cada elemento individuado é um indivíduo. Na verdade, *überontologia* não é uma barba

ênfatar, no entanto, que para mim (mas não para Hegel), tudo consegue ter uma perspectiva – assim, embora eu concorde que o acesso às coisas é constitutivo das coisas em si mesmas, este acesso não depende do *Espírito [Geist]*, mas, sim, de tudo o que existe.

¹⁵ Molnar, 2003.

¹⁶ Não vou discutir sobre as disposições em muito detalhe neste artigo. O assunto claramente tem consequências importantes para o debate acerca do atualismo e do que é tomado como potencialidade existente no mundo. É suficiente, para o uso que faço aqui das ideias de Molnar, indicar que itens concretos existentes exibem intencionalidades físicas.

raspada pela Navalha de Ockham, não é algo que pode ser reduzida a uma lista de características básicas que comandam o roteiro desde o começo. Ainda assim, poderíamos nos sentir confusos por esta proliferação ontológica emergente. Uma batata-para-uma-formiga pode ser vista como abrigo; enquanto uma batata-para-um-roedor pode ser vista como comida. Quantas batatas temos na *überrealidade*? A pergunta toca no assunto de se há identidades fixas e a associada indiscernibilidade na *überrealidade* – à qual voltarei mais tarde. Mas, por agora, é suficiente observar que nenhuma perspectiva está em isolamento. Esta é a natureza do intercurso cubista de perspectivas: é porque batata-para-um-roedor é comida que batata-para-uma-formiga deixa de ser um abrigo. O carrapato não distingue entre mamíferos diferentes, mas seu destino pode ser diferente dependendo se a presa-para-o-carrapato é um cavalo favorito e bem cuidado. O carrapato é direcionado para um mamífero, mas não qualquer mamífero em particular. Não obstante, sua presa é sempre um animal particular, como cavalos ou vacas, cada um capaz de ser visto de uma perspectiva diferente. Claramente não há tantos indivíduos no *überrealismo* como a soma de todas as ontologias domésticas. A presa de um carrapato é também um indivíduo em outra ontologia doméstica.

Isso nos leva à segunda observação geral. *Überrealismo* não está comprometido com uma tese geral holista concernindo a interrelacionalidade de tudo. Claramente, há coisas direcionadas a outras coisas; no entanto, visto que perspectivas mediam a direção, elas não são dirigidas a coisas particulares: carrapatos são direcionados a quaisquer mamíferos passantes, o açúcar é direcionado a qualquer porção de água dissolvente. Aqui está uma importante medida da contingência: o destino do carrapato não é de forma alguma, escrito em ele estar direcionado a um mamífero passante, mas depende de quem acaba sendo sua presa. O mundo claramente não é um quebra-cabeças onde cada item tem um papel a cumprir – no entanto, também não é tal como um mosaico onde cada item é desconexo de todos os outros. Talvez seja mais como uma composição de ímãs, com atrações e repulsões, além de um amplo espaço para o intercurso acidental de perspectivas.

3 – Caixas-Pretas (e objetos)

Bruno Latour elaborou elementos de uma metafísica que tem tendências em direção ao *überrealismo*¹⁷. Uma noção importante é a de actantes, que busca substituir a noção de um particular: um actante é sempre capaz de oferecer resistência a qualquer plano geral que o mobiliza para se implementar. Rios são actantes, mas

¹⁷ Latour, 2000.

também são as barragens, e as gotas, e as fontes de água. Na verdade, a característica distintiva dos actantes é que eles oferecem resistência. Actantes podem ser parte de uma metafísica de perspectivas visto que podemos dizer que eles se relacionam ao que eles estão, de alguma maneira, direcionados. Ademais, a noção de actante torna claro que a ação e a resistência (e perspectivas) não são atreladas a sujeitos humanos, mas acontecem frequentemente quando quaisquer relações estão presentes. A noção de actante pode ser, acredito, trazida para bem perto do *überrealismo*, mas vou concentrar na noção relacionada a ela das caixas-pretas e na ideia de que elas são ubíquas.

Graham Harman explora de forma perspicaz alguns elementos da ontologia de Latour¹⁸. Ele introduz a noção de caixas-pretas quando afirma que, embora

“um actante sempre nasce de crises e controvérsias, apenas quando ele consegue estabelecer uma base de operações no mundo é que nós conseguimos esquecer as tribulações do seu nascimento, e eventualmente, tratá-lo como uma simples caixa-preta” (Harman, 2009, p. 36).

Uma caixa-preta é uma unidade estabilizada que pode ser contada desta maneira, requerendo apenas uma manutenção mínima. Ela é uma assemblagem estável de coisas que pode, então, ser tratada como uma unidade onde suas componentes se tornam irrelevantes – o

que importa é que a caixa-preta faça o seu trabalho. Assim, teorias científicas já aceitas são tratadas como caixas-pretas por nós assim como tratamos carros, computadores, mobílias, varejistas, advogados, médicos e partes de nossos corpos. Tratar algo como caixa-preta é nos tornar indiferentes às suas composições, aos seus funcionamentos – o que importa é que ela funcione. Interessantemente, uma noção aparentemente pragmática – algo é uma caixa-preta se é tratada desta forma para todos os propósitos relevantes – se torna o cerne da ontologia. É claramente uma noção semelhante à de perspectiva: para algo ser uma caixa-preta, ela deve ser tratada assim. Nada é uma caixa-preta em si – a ontologia das caixas-pretas é uma ontologia de ser tratado desta forma por algo. Uma caixa-preta pode ser dita estar presente a qualquer momento que encontramos algo que tem a forma X-para-Y – mamífero-para-o-carrapato, água-para-o-açúcar; poltrona-para-mim – onde X é tratado como uma caixa-preta por Y; enquanto Y é frequentemente tratado como uma caixa-preta por alguma outra coisa.

Caixas-pretas elas mesmas são compostas de mais caixas-pretas; elas existem em cada camada do universo. Tal como Harman escreve, a Disneylândia é uma caixa-preta – mas também cada um de seus personagens fantasiados, os carros que circulam no parque, os pneus dos carros, o

¹⁸ Harman, 2009.

pessoal de segurança e as moléculas dentro das decorações plásticas¹⁹. Harman enfatiza que apenas quando as coisas dão errado – o mamífero está demasiado peludo ou tem uma pele mais grossa do que o esperado; ou a água congelando antes de dissolver inteiramente o açúcar; ou o pé da poltrona se quebra – então, uma nova negociação acontece onde outros actantes vêm à força e, eventualmente, novas caixas-pretas emergem. Elas são como agregados políticos que fruem de alguma capacidade de persistir sob baixa manutenção. Elas são unidades porque são tratadas como unidades. Elas são indivíduos porque são tratadas assim – elas precisam ser acarretadas, elas não preexistem como caixas-pretas, e não há algo como uma *unter*-caixa-preta. Além disso, nós estamos interessantemente convergindo para o *über*realismo quando inferimos de “X é uma caixa-preta para Y” simplesmente para “X é uma caixa-preta”. Caixas-pretas são acarretadas ao serem tratadas desta forma, mas, desta maneira, elas ganham (*über*-)cidadania plena e o mundo é, assim, composto por elas. A ideia de que caixas-pretas são acarretadas implica que a maioria do que existe está engajado em uma rotina de criação; na verdade, a *über*realidade é uma realidade criada por todos os cantos. As muitas variedades de antirrealismo estão corretas ao sugerirem que a realidade é, de alguma forma, constituída; mas estão erradas ao dar ao sujeito humano (seja como for

definido) o privilégio de assim o fazer. *Über*realismo é, então, uma tentativa de estender a ideia de que a realidade é constituída para que a maioria das coisas sejam autoras do mundo co-constituído.

A introdução de caixas-pretas pode nos ajudar a lidar com problemas de identidade na *über*realidade. Há objetos na *über*realidade? Podemos começar ao considerarmos uma analogia com mundos possíveis. Kripke, que foi crucial para a introdução da noção de mundos possíveis na filosofia contemporânea, observou que eles não devem ser vistos como países distantes ou planetas alienígenas que poderiam ser observados por um telescópio²⁰. Para ele, este conselho é o suficiente para desfazer os problemas em relação a esta identidade transmundana. Nós não observamos um mundo possível distante pelo telescópio enquanto entretemos quem é Reza Nigarestani e quem é H.P. Lovecraft neste mundo; nem mesmo nos perguntamos quem é este cachorro e este osso; ou onde está a maçã ou a pera. Mundos possíveis são sempre vistos de um mundo atual no qual as identidades estão fixadas; elas sempre são vistas da perspectiva do mundo atual. Similarmente, podemos perceber que *über*realidade não é, ela mesma, uma perspectiva que pode ser contemplada em si mesma – seus cidadãos são sempre acarretados por perspectivas e eles sempre têm de estar presentes. Assim, a

¹⁹ Harman, 2009, p. 46

²⁰ Kripke, 2012.

über-individuação é sempre rica em perspectivas. Leva mais de uma perspectiva para se individuar na *über*realidade. Um mamífero pode ser a presa de um carrapato, mas aquele também pode ser o cavalo de um bom cuidador – e este intercurso de perspectivas vai ter consequências para o destino do carrapato (e para o do cuidador). Podemos então, talvez, falar sobre (*über*-)objetos como sendo os produtos do que tem sido individuado por mais do que uma perspectiva. É necessário mais do que uma perspectiva no tango dos objetos. Objetos são caixas-pretas justapostas. Me arrisco até mesmo em oferecer uma (provisória) definição: objetos, e apenas objetos, são aqueles que podem ser concebidos de maneira cubista, na qual há o intercurso de perspectivas. Objetos são (*über*-) cubos.

A ideia é que identidades são, elas mesmas, determinadas por como as coisas vão – elas não são estabelecidas de antemão; não há objetos que subjazem todas as perspectivas, eles emergem do intercurso de perspectivas, eles são um produto cubista. Tal como as caixas-pretas são acarretadas por uma perspectiva, objetos surgem do intercurso de perspectivas na *über*realidade. Este intercurso é, de certa forma, inevitável, devido à natureza das caixas-pretas elas

²¹ Acredito que há pontos interessantes de convergência entre este espaço comum de implementação e a noção de plano de imanência tal como desenvolvido por Deleuze e Guattari. Para eles, o plano de imanência é também um plano de *haecceitas* (“estidades”), ou seja, um plano de

mesmas. Elas têm de ser implementadas de alguma maneira: a Disneylândia requer várias componentes, assim como os personagens fantasiados, os pneus e as moléculas de borracha. O mamífero passante jamais é apenas a presa do carrapato. Há um espaço comum de implementação, no qual a mesma batata implementa a comida do roedor e o abrigo da formiga. Diferentes caixas-pretas são feitas do mesmo material, um material que é, ele mesmo, composto de caixas-pretas que, por sua vez, precisam ser implementados. Este espaço comum de implementação²¹ é o lócus da *über*realidade; e ele é inteiramente povoado pela capacidade de seus cidadãos acarretarem coisas através de perspectivas. O espaço comum de implementação não é organizado previamente como um cosmos; é uma coletânea de pegadas (cubistas) que as várias perspectivas e suas caixas-pretas deixam para trás. É devido a deste espaço comum que o destino do carrapato pode ser associado com o espaço do bom cuidador; eles se direcionam ao mesmo item neste espaço comum: o mesmo objeto [*este cavalo, por exemplo*].

Certamente, isso não é o suficiente para prover mais do que um esboço de como individuar objetos sem recorrer à premissa *unter*realista de que eles são

singularidades (poderíamos também o chamar de plano de actantes), tal como é aquilo que implementa tanto a presa para o carrapato e o cavalo para o bom cuidador. Cf. *Mil Platôs* de Deleuze e Guattari.

independentes de qualquer perspectiva. Muitas questões permanecem – tais como as questões relacionadas à identidade e à indiscernibilidade. No entanto, vale a pena observar que *überrealismo* não é uma ontologia de objetos, mas, sim, uma ontologia de caixas-pretas que convergem para objetos através do intercurso que tem que acontecer no espaço comum de implementação. Objetos não preexistem suas individualizações; eles herdaram a individualização de caixas-pretas e estão atrelados à impossibilidade de as caixas-pretas serem operativas sem serem implementadas (em um espaço comum onde outras caixas pretas são também operativas). Objetos cubistas têm características incomuns no que diz respeito à suas identidades, persistências no tempo e discernibilidade. Muito de uma filosofia cubista orientada a objetos ainda teria de acontecer para que tivéssemos uma imagem clara de como eles agem e se relacionam uns com os outros.

4 – Reivindicações de Latour sobre Germes Transportados por Ar e o *überrealismo*

Concluo considerando brevemente uma reivindicação controversa feita por Latour que “depois de 1864, os germes transportados por ar estavam lá desde sempre”²². Esta é uma afirmação confusa quando a ouvimos pela primeira vez, vou tentar esclarece-la. Esta afirmação pode ser

entendida da seguinte forma: a teorização de Pasteur acarretou em germes transmitidos pelo ar como objetos que estavam, então, interagindo com outras pessoas, animais e outros agentes ecológicos desde sempre. Entendido desta forma, a afirmação é claramente não que Pasteur criou estes micróbios *ex nihilo* – na verdade, perspectivas não criam coisas do nada: elas usam materiais que elas encontram no espaço comum de implementação; os elementos disponíveis para comporem agregados que podem ser tratados como caixas-pretas. Pasteur instaura micróbios, não do nada, mas daquilo que havia (a saber, actantes e caixas-pretas). Assim, podemos entender epidemias do passado em termos de micróbios, o que pode nos ajudar a prevenir epidemias similares futuras de formas que não teria sido possível sem o objeto cubista “micróbio”.

Harman critica a reivindicação de Latour dizendo que Pasteur estava lá antes de 1864 – e também estavam lá os micróbios. Pasteur estava lá – no entanto, de uma forma que os micróbios não estavam, ele era [perspectivado como] muitas caixas-pretas por seus colegas humanos, para sua fauna interna, para outros animais, etc. Podemos agora até mesmo contar sua biografia em termos dos micróbios que o tinham como abrigo. Ele era uma caixa-preta para várias coisas e, assim, era um *überobjeto* antes de 1864. Não é o mesmo

²² Latour, 1999, p. 173

com os micróbios. Harman então se pergunta o que fazia a fermentação do leite, o azedamento do vinho, o trabalho de matar ovelhas antes de 1864. Nós agora temos a perspectiva para dizer: os micróbios o faziam. Mas, antes, sem esta perspectiva, nós teríamos preciosos e poucos recursos para colocar tudo isso junto: outras coisas existiam para-o-leite, ou existiam-para-o-vinho, etc., mas nada existia como um micróbio universal como um objeto. Pasteur acarreta os micróbios ao implementar várias caixas-pretas – para o vinho, para o leite, etc. Em outras palavras, se nós exorcizarmos a ideia de uma *unterrealidade* de uma vez por todas, não pode haver sentido em dizer que micróbios eles mesmos estavam lá desde sempre. A reivindicação de Latour deveria, assim, ser direcionada a uma rejeição *überrealista* de haver indivíduos preexistindo quaisquer perspectivas.

Em outras palavras, germes transmitidos pelo ar como caixas-pretas da perspectiva dos organismos de crianças e animais, ou, da perspectiva do leite ou do vinho, estavam lá antes de 1864, mas não o objeto. O trabalho de Pasteur acarretou o objeto (cubista) “germes transmitidos pelo ar”, e o tornou disponível retrospectivamente. A individuação de itens na *überrealidade* não pode preceder o processo de os acarretar – enquanto micróbios como micróbios existem apenas quando são tratados como tais. Objetos não precedem seu acarretamento; assim como nada precede, se veementemente

rejeitarmos a ideia de uma *unterrealidade*. Na metafísica *überrealista* de caixas-pretas, existência segue um ato de acarretamento; não há subsistência de nada que não seja disponível a uma perspectiva. Objetos, assim, surgem como cidadãos da *überrealidade* por atos de os acarretar, tal como fizeram os atos de Pasteur. A reivindicação de Latour pode ser tomada como argumentando o ponto de que nada preexiste tais atos, e nós não temos que varrer as caixas-pretas para debaixo do tapete em nome de desencadear um nível último de realidade. O *überrealismo* oferece um realismo que abarca tanto uma realidade comum a todas as perspectivas, como também jamais torna tais perspectivas dispensáveis. Isso implica que a afirmação de Latour pode ser (factualmente) errada, e micróbios como objetos podem existir antes do ano 1864 (tivessem eles sido acarretados como objetos por outros dispositivos), mas eles certamente não podem preceder nenhum ato de acarretamento.

Concluo com outro princípio do trabalho de Souriau que pode nos ajudar na noção de *überrealidade*. Ele também joga alguma luz no processo de acarretar objetos (cubistas). Souriau insiste que tudo que existe entretém certa subrealização (ele fala de uma subrealização existencial de todas as coisas [*inachèvement existentiel de toute chose*]). Tudo fica aquém de ser um trabalho completo. Eu afirmo que a *überrealidade* é como um esboço, um painel permanente de desenho onde as

coisas são constantemente esboçadas. Objetos (cubistas) estão sempre disponíveis para serem afetados por alguma parte do mundo que começa a tratá-los de forma nova. Uma consequência da rejeição de uma *unterrealidade* é que não há realidades fixadas indiferentes a perspectivas. Ao contrário, realidade é um esboço multi-autoral que está aberta à interferência por todos os cantos. *Überrealidade* é uma composição coletiva do que cada pedaço do mundo faz; ela é apenas parcialmente acessível e é inteiramente exposta aos elementos.

Referências

DELEUZE, Gilles. **L'abécédaire de Gilles Deleuze**. Filmado por Pierre-André Boutang, com Gilles Deleuze e Claire Parnet, 1996.

FINE, Kit. 'Tense and Reality' in. **Modality and Tense: Philosophical papers**. Oxford: University Press, 2005.

HARMAN, Graham. **Prince of Networks: Bruno Latour and Metaphysics**. Melbourne: re.press, 2009.

KRIPKE, Saul. **O Nomear e a Necessidade**. Lisboa: Editora Gradiva, 2012.

LATOUR, Bruno. **Pandora's Hope: Essays on the Reality of Science Studies**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999.

LATOUR, Bruno. **Ciência em Ação – Como seguir cientistas e engenheiros**

sociedade afora. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

LETTVIN, Jerome; MATURANA, Humberto, et.al. 'What the frog's eyes tell the frog's brain?' in. **Proceedings of the I.R.E.** 47:11, 1959.

MCTAGGART, John. 'The Unreality of Time' in. **Mind**, 17, 1908, pp. 457-473.

MOLNAR, George. **Powers: A Study in metaphysics**. Edited by Stephen Mumford. Oxford: University Press, 2003.

NAGEL, Thomas. **A View from Nowhere**. Oxford: University Press, 1989.

SOURIAU, Étienne. **Les différents modes d'existence**. Paris: Presses Universitaires de France, 2009.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas Canibais**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

VON UEXKÜLL, Jacob. 'A Stroll through the Worlds of Animals and Men' in. SCHILLER, Clair (ed.) **Instinctive Behaviour**. Indiana: University Press, 1957.